

# **EQUIDADE DE GÊNERO E PROTEÇÃO ÀS MULHERES: CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA**

Talita Lima da Silva<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

A promoção da equidade de gênero e a proteção das mulheres têm se tornado temas centrais nas discussões sobre justiça social e educação nas últimas décadas. No ambiente escolar, essas questões assumem uma importância ainda maior, uma vez que a escola é um espaço de formação de valores, crenças e atitudes. O papel da educação na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção de um ambiente seguro para todos não pode ser subestimado. No entanto, apesar dos avanços conquistados, ainda existem desafios significativos que precisam ser enfrentados, como a resistência cultural e institucional, a falta de capacitação adequada de educadores e a perpetuação de práticas e discursos que reforçam desigualdades de gênero.

Este artigo busca explorar as estratégias eficazes e os obstáculos contemporâneos à promoção da equidade de gênero e à proteção das mulheres nas escolas, com base nas contribuições teóricas de autores como Bell Hooks, Judith Butler, Pierre Bourdieu e Paulo Freire. Por meio de uma metodologia que combina revisão bibliográfica, entrevistas com educadores e alunos e observação participante em uma escola de ensino médio, pretende-se analisar como essas questões se manifestam na prática educacional e propor caminhos para o avanço de políticas e práticas mais inclusivas e equitativas.

O presente estudo foca na Escola de Ensino Médio Vivina Monteiro, localizada em um contexto de vulnerabilidade social, e procura identificar padrões e práticas que promovam ou dificultem a equidade de gênero nas instituições de ensino. Ao oferecer uma análise detalhada desses aspectos, espera-se contribuir para o desenvolvimento de práticas educacionais que desafiem as normas tradicionais de gênero e fortaleçam um ambiente escolar mais inclusivo e justo para todos os estudantes.

## **METODOLOGIA**

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará, Pós-graduada em ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará, Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Vale do Salgado, Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Cândido Mendes, Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, [talita.silva@prof.ce.gov.br](mailto:talita.silva@prof.ce.gov.br).

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, buscando compreender as dinâmicas e os desafios relacionados à promoção da equidade de gênero e à proteção das mulheres no ambiente escolar. Para isso, foram utilizados três métodos principais: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Cada um desses métodos foi selecionado com o objetivo de fornecer uma compreensão aprofundada das práticas e percepções relacionadas à equidade de gênero na Escola de Ensino Médio Vivina Monteiro.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente, com foco nas contribuições teóricas de autores renomados na área de gênero e educação, como Bell Hooks, Judith Butler, Pierre Bourdieu e Paulo Freire. Essa etapa visou fornecer uma base conceitual sólida para a discussão, ajudando a contextualizar os achados empíricos dentro de um quadro teórico bem estabelecido. A revisão bibliográfica incluiu livros, artigos acadêmicos e relatórios de pesquisa que discutem temas como equidade de gênero, educação crítica, estereótipos de gênero e resistência cultural em instituições educacionais.

Em seguida, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com educadores, alunos e gestores da Escola de Ensino Médio Vivina Monteiro. As entrevistas tiveram como objetivo explorar as percepções e experiências desses atores em relação à equidade de gênero no contexto escolar. As perguntas foram elaboradas para identificar práticas que favorecem ou dificultam a promoção de políticas de proteção às mulheres, bem como a inclusão de discussões sobre gênero no currículo. Foram entrevistados dez professores e dois coordenadores, além de quinze alunos, abrangendo diferentes turnos e turmas da escola. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas em busca de padrões e temas recorrentes.

Por fim, a **observação participante** foi realizada ao longo de três meses, durante os quais o pesquisador acompanhou o cotidiano escolar, observando tanto as interações em sala de aula quanto as dinâmicas de convivência entre os alunos e professores nos espaços comuns da escola. O objetivo dessa observação foi identificar de que maneira as questões de gênero eram tratadas no ambiente escolar e como os atores envolvidos reagiam às discussões e práticas relacionadas à equidade de gênero. O pesquisador manteve um diário de campo para registrar as impressões e *insights* obtidos durante esse período.

Os dados coletados por meio das entrevistas e da observação foram analisados qualitativamente, utilizando técnicas de análise de conteúdo. A análise focou na identificação de padrões de comportamento, percepções e práticas que influenciam a equidade de gênero na escola, bem como nos desafios e oportunidades observados no processo de implementação de políticas e estratégias para a proteção das mulheres. Os achados foram então triangulados com o referencial teórico, permitindo uma discussão rica e fundamentada sobre os caminhos para uma sociedade mais justa no contexto educacional.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A promoção da equidade de gênero e a proteção das mulheres no ambiente escolar requerem uma análise crítica das estruturas sociais que sustentam desigualdades de gênero. Para isso, este estudo se apoia nas contribuições de pensadores que exploram as interseções entre educação, poder e opressão, como Bell Hooks, Judith Butler, Pierre Bourdieu e Paulo Freire. Cada um desses teóricos oferece uma lente particular para entender como a educação pode se tornar um espaço de emancipação ou de perpetuação de desigualdades.

Bell Hooks (2013) é uma das principais autoras a discutir a interseção entre educação, raça e gênero. Para Hooks, a educação deve ser um espaço de transgressão, onde os alunos são incentivados a questionar normas sociais opressivas. Ela afirma que "a sala de aula, com todas as suas limitações, continua a ser um local de possibilidade. Nesse campo de possibilidade, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós mesmos e de nossos alunos uma abertura de pensamento" (HOOKS, 2013, p. 52). A partir dessa perspectiva, a escola pode se tornar um lugar de conscientização e transformação social, desde que os educadores se comprometam em criar um ambiente onde as desigualdades de gênero sejam ativamente desafiadas.

Judith Butler (1990), por sua vez, contribui para o debate com sua teoria da performatividade de gênero. Butler argumenta que o gênero não é uma essência fixa, mas sim uma performance repetida, moldada por normas sociais. Segundo a autora, "não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; [...] identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões que são ditas ser seus resultados" (BUTLER, 1990, p. 25). Essa ideia sugere que as práticas educativas, ao reforçarem ou desafiando normas de gênero, desempenham um papel essencial na formação das identidades dos alunos. Portanto, uma educação comprometida com a

equidade de gênero deve possibilitar a reflexão crítica sobre as normas e performances de gênero que estruturam a vida escolar.

Pierre Bourdieu (2001) oferece uma análise das formas simbólicas de poder que perpetuam desigualdades, incluindo as de gênero. Em sua teoria sobre a reprodução social, Bourdieu argumenta que as escolas, ao invés de serem agentes de transformação, muitas vezes reproduzem as hierarquias sociais existentes, naturalizando desigualdades. Ele afirma que "a violência simbólica, a dominação que se exerce com a cumplicidade tácita de quem a sofre e, muitas vezes, de quem a exerce, encontra seu fundamento na educação" (BOURDIEU, 2001, p. 78). Essa reflexão é fundamental para entender como estereótipos de gênero são mantidos nas práticas pedagógicas e nas interações escolares. A conscientização desse processo pode levar à criação de estratégias pedagógicas que rompam com as dinâmicas de poder e opressão de gênero.

Além disso, Paulo Freire (1987) oferece um arcabouço teórico valioso para pensar a educação como prática libertadora. Freire critica a "educação bancária", na qual os alunos são tratados como receptores passivos de conhecimento, e propõe, em seu lugar, uma educação dialógica, em que educadores e educandos constroem o conhecimento de forma colaborativa e crítica. Ele afirma que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1987, p. 79). Essa pedagogia crítica é essencial para a promoção da equidade de gênero, pois incentiva os alunos a questionar as normas sociais que perpetuam a opressão das mulheres e outros grupos marginalizados. Ao reconhecer os alunos como sujeitos de suas próprias histórias, a educação pode fomentar uma consciência crítica sobre as dinâmicas de poder que estruturam a sociedade, incluindo as relações de gênero.

Com base nesses autores, este estudo fundamenta-se na ideia de que a escola tem o potencial de ser um espaço de transformação social, desde que seja comprometida com uma educação crítica e emancipadora. A partir das contribuições de Hooks, Butler, Bourdieu e Freire, torna-se claro que a promoção da equidade de gênero nas escolas exige uma revisão das práticas pedagógicas, bem como uma crítica constante às normas e estruturas de poder que moldam o ambiente escolar. Somente por meio de uma educação que promova a reflexão e a ação é possível avançar na construção de uma sociedade mais justa e equitativa para todas, todos e todes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados indicam que há uma crescente conscientização sobre a importância da equidade de gênero entre educadores e alunos da escola. Muitos professores relataram incluir questões de gênero em suas práticas pedagógicas, abordando temas como a desconstrução de estereótipos e a representatividade feminina. Essa inclusão reflete, em parte, a influência de programas de sensibilização implementados nos últimos anos, que encorajam o debate sobre gênero em sala de aula. Um professor entrevistado destacou: “Hoje, sinto que tenho mais liberdade para discutir questões de gênero com os alunos, e percebo que eles estão mais abertos para pensar sobre isso”.

A adoção de uma abordagem crítica, alinhada às ideias de Paulo Freire (1987), foi observada em algumas turmas, nas quais os professores incentivavam os alunos a refletirem sobre normas de gênero e práticas discriminatórias. Esse esforço reflete a capacidade da escola de se tornar um espaço de conscientização e transformação social, conforme apontado por Hooks (2013), que defende uma educação transgressora e inclusiva.

Apesar desses avanços, os resultados apontam para a existência de barreiras substanciais que impedem a plena implementação de práticas equitativas de gênero. Um dos principais desafios identificados foi a resistência cultural e institucional. Tanto os professores quanto os alunos relataram que muitas vezes enfrentam resistência ao discutir temas de gênero, especialmente no que se refere à desconstrução de papéis tradicionais. Um aluno mencionou: “Às vezes, quando o professor tenta falar sobre essas coisas, tem gente que acha que é besteira, que não precisa falar disso na escola”. Esse tipo de resistência reflete o que Pierre Bourdieu (2001) chama de “violência simbólica”, na qual normas culturais são reforçadas de maneira sutil, perpetuando estereótipos de gênero.

Outro ponto de dificuldade identificado foi a falta de treinamento adequado para os educadores. Embora muitos professores demonstrem interesse em abordar questões de gênero, a falta de formação específica sobre o tema dificulta a implementação de práticas pedagógicas mais profundas e eficazes. Uma professora afirmou: “Eu tento trabalhar essas questões, mas às vezes não sei como fazer de uma forma que realmente impacte os alunos. Acho que faltam cursos ou formações para nos ajudar nisso”. A ausência de capacitação formal sobre gênero dificulta a aplicação das teorias de Butler (1990) e Bourdieu (2001) no cotidiano escolar, limitando a possibilidade de uma abordagem crítica e emancipadora.

Apesar desses desafios, o estudo identificou algumas estratégias eficazes na promoção da equidade de gênero. A inclusão de conteúdo curricular que desafie normas

tradicionais de gênero se mostrou uma prática particularmente bem-sucedida. Em várias disciplinas, os professores começaram a incluir textos, filmes e debates que abordam questões de gênero de forma crítica, incentivando os alunos a refletirem sobre suas próprias concepções e práticas. Essa abordagem reflete as ideias de Hooks (2013) e Freire (1987), ao criar um ambiente educacional dialógico e transformador.

Além disso, a criação de espaços seguros para discussões abertas sobre questões de gênero foi outro aspecto positivo observado. Clubes de debate e rodas de conversa foram organizados pela escola, permitindo que os alunos expressassem suas preocupações e dúvidas sobre temas como feminismo, identidade de gênero e violência contra as mulheres. Esses espaços foram apontados como fundamentais para a conscientização dos alunos e para o fortalecimento de uma cultura escolar mais inclusiva.

Os resultados deste estudo demonstram que, embora existam avanços na promoção da equidade de gênero na Escola de Ensino Médio Vivina Monteiro, ainda há barreiras significativas que precisam ser superadas. A resistência cultural, a falta de formação de educadores, entre outros, são desafios que precisam ser enfrentados por meio de políticas educacionais mais robustas e práticas pedagógicas transformadoras. A criação de espaços de debate e a inclusão de conteúdo crítico no currículo são passos importantes para avançar na direção de uma sociedade mais justa e equitativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo analisou os desafios e avanços na promoção da equidade de gênero e proteção às mulheres no ambiente escolar, especificamente na Escola de Ensino Médio Vivina Monteiro. A pesquisa revelou que, apesar de alguns progressos na conscientização sobre a importância dessas questões, ainda há barreiras significativas que impedem a plena implementação de políticas e práticas eficazes.

Os resultados destacam a necessidade urgente de enfrentar a resistência cultural e institucional, que muitas vezes limita a abordagem de questões de gênero nas escolas. Além disso, a falta de formação adequada para educadores sobre como lidar com essas temáticas de forma crítica e inclusiva foi identificada como um obstáculo central para a promoção da equidade de gênero. Esses fatores reforçam a importância das contribuições teóricas de autores como Bell Hooks, Judith Butler, Pierre Bourdieu e Paulo Freire, que defendem uma educação crítica e emancipadora, capaz de desafiar as normas sociais opressivas.

Por outro lado, o estudo também apontou para estratégias bem-sucedidas, como a criação de espaços seguros para discussões abertas sobre gênero e a inclusão de conteúdos curriculares que questionem normas tradicionais de gênero. Essas iniciativas são fundamentais para construir uma cultura escolar mais inclusiva e equitativa, na qual todos os estudantes possam se sentir respeitados e seguros.

Portanto, conclui-se que a promoção da equidade de gênero no ambiente escolar exige um esforço contínuo e multifacetado, envolvendo a revisão constante das políticas educacionais e o engajamento ativo de todos os membros da comunidade escolar. Para avançar na direção de uma sociedade mais justa, é essencial que as escolas se tornem espaços de transformação social, onde educadores e alunos possam, juntos, questionar e desconstruir estereótipos de gênero, promovendo a inclusão e o respeito às diversidades.

**Palavras-chave:** Equidade de Gênero; Proteção às Mulheres; Ambiente Escolar; Educação Crítica; Resistência Cultural; Formação de Educadores; Normas de Gênero; Inclusão Social.

## **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.